

PAMELA DRUCKERMAN

VIDA ADULTA À FRANCESA

O que a vida e Paris me
ensinaram nos últimos 40 anos

Tradução
LÍGIA AZEVEDO

fONTANAR

Quarenta é uma idade assustadora.
É a idade em que nos tornamos quem somos.

CHARLES PÉGUY

Introdução: *Bonjour, madame*

Se você quer saber quão velho parece, é só entrar num café na França. É como se fizessem um referendo para avaliar seu rosto.

Quando me mudei para Paris, tinha pouco mais de trinta anos e os garçons me chamavam de “mademoiselle”. Era “*Bonjour, mademoiselle*” quando eu entrava e “*Voilà, mademoiselle*” quando me traziam o café. Fui a muitos estabelecimentos diferentes naqueles primeiros anos — não tinha escritório, então precisava de um lugar em que eu pudesse passar o dia escrevendo —, e em todos era tratada como mademoiselle. (Em tese, a palavra deveria ser utilizada para designar mulheres solteiras, mas na prática é aplicada a mulheres jovens em geral.)

Quando entrei nos quarenta, no entanto, houve uma transformação coletiva no tratamento. Os garçons começaram a me chamar de madame, ainda que com uma formalidade exagerada ou uma piscadela brincalhona. Como se “madame” fizesse parte de um jogo. E de vez em quando ainda ouvia o mademoiselle de sempre.

Logo, até mesmo os mademoiselles esporádicos cessaram, e os madames deixaram de ser hesitantes ou irônicos. É como se os garçons de Paris (em sua maioria, homens) tivessem decidido em massa que eu tinha saído da área cinzenta entre a juventude e a meia-idade.

Por um lado, essa transição me intriga. Os garçons se reúnem depois do trabalho para tomar um Sancerre enquanto veem fotos das clientes e decidem se vão rebaixá-las ou não? (Enquanto isso, os homens são “monsieur” para sempre, o que é irritante.)

Tenho consciência do envelhecimento, é claro. Acompanhei as marcas de expressão e as pequenas rugas aparecendo no rosto de conhecidos da minha idade. Nos meus quarenta anos, já posso ter uma ideia de como algumas pessoas que conheço estarão aos setenta.

Só não achei que o “madame” fosse acontecer comigo, ou pelo menos não sem meu consentimento. Embora nunca tenha sido muito bonita, quando estava na faixa dos vinte descobri meu superpoder: eu parecia jovem. Ainda tinha a pele de uma adolescente. As pessoas de fato não sabiam dizer se eu tinha dezesseis ou 26. Certa vez, eu estava esperando na plataforma do metrô de Nova York quando um senhor parou para me dizer que eu tinha cara de bebê.

Eu sabia o que ele queria dizer, e estava determinada a preservar aquela pequena vantagem. Muito antes de outras pessoas da minha idade se preocuparem com rugas, eu usava protetor solar e creme anti-idade todas as manhãs, e passava uma série de outros antes de ir para a cama. Eu não desperdiçava um sorriso com algo que não fosse de fato engraçado.

O esforço valeu a pena. Aos trinta, desconhecidos ainda pensavam que eu estava na faculdade, e pediam para ver minha identidade antes de me servir bebida. Minha idade

elogiosa — a idade que as pessoas dizem que você parece ter, à qual se deve adicionar seis ou sete anos — ficava tranquilamente por volta dos 26.

Então chego aos quarenta, esperando por fim ter minha vingança depois de anos de aparência mediana. Estou entrando na fase da vida em que não é necessário ser linda; se eu me mantiver conservada e abaixo da linha da obesidade, passarei tranquilamente por bonita.

Por um tempo, a estratégia parece funcionar. Campos inteiros de pequeninas rugas aparecem no rosto de mulheres que sempre foram muito mais bonitas que eu. Se passei alguns anos sem ver uma pessoa, me preparo para o reencontro, de modo que não fique boquiaberta quando vir o quanto ela mudou. (Os franceses chamam essa história de permanecer um tempão com a mesma cara e de repente parecer muito mais velho de “*coup de vieux*”, golpe da idade.)

Olho para as raízes grisalhas e a testa vincada de muitas mulheres da minha idade com uma tristeza distante. Sou a prova de que todo mundo eventualmente tem o rosto que merece. E o que eu mereço, lógico, é o brilho permanente da juventude.

Contudo, no decorrer do que parecem poucos meses algo muda em mim.

Desconhecidos param de comentar quão jovem eu pareço ou de ficar chocados quando revelo que tenho três filhos. Pessoas que não vejo faz tempo encaram *meu* rosto por alguns segundos a mais. Quando combino de encontrar um amigo mais jovem num café, ele passa direto por mim, sem se dar conta de que a mulher de meia-idade à sua frente sou eu.

Nem todo mundo da minha idade fica perturbado com as mudanças, mas muitos parecem sofrer de uma espécie de choque da meia-idade. Uma amiga nota que, quando che-

ga a uma festa, não há mais um momento Cinderela em que todo mundo se vira para observá-la. Os homens só me olham nas ruas de Paris se eu estiver toda produzida. E detecto uma mensagem perturbadora em seus olhares: eu dormiria com ela, mas só se não me desse trabalho *nenhum*.

Logo os “*madames*” começam a chover sobre mim. É “*Bonjour, madame*” quando entro num café; “*Merci, madame*”, quando pago a conta; e “*Au revoir, madame*”, quando vou embora. Às vezes, inúmeros garçons dizem isso ao mesmo tempo.

E a pior parte é que não estão tentando me insultar. Aqui na França, onde vivo há doze anos, “*madame*” é uma forma de tratamento educada. Chamo outras mulheres de “*madame*” o tempo inteiro, e ensino aos meus filhos que é a maneira como devem se dirigir à senhora portuguesa que trabalha como zeladora do nosso prédio.

Em outras palavras, agora me consideram com tanta certeza no território da *madame* que nem imaginam que o tratamento possa me incomodar. Entendo que algo mudou permanentemente quando passo por uma mulher que está pedindo dinheiro perto da minha casa.

“*Bonjour, mademoiselle*”, ela diz para a jovem de minissaia alguns passos à minha frente.

“*Bonjour, madame*”, ela diz quando passo, um segundo depois.

Isso tudo aconteceu rápido demais para que eu possa digerir. Ainda tenho a maior parte das roupas de quando era *mademoiselle*. Há comida enlatada da época em que eu era *mademoiselle* na minha despensa. A matemática parece confusa: como, em alguns poucos anos, todas as outras pessoas ficaram uma década mais novas que eu?

O que são os quarenta? Procuro não resumir uma década inteira de vida a uma única coisa até que ela pertença ao passado e eu a tenha desperdiçado. Passei meus vinte anos procurando em vão por um marido, quando deveria ter investido na carreira de jornalista e visitado lugares perigosos antes de ter filhos. O resultado foi ser demitida de um jornal aos trinta e poucos. Isso me deixou livre para passar o resto da década ruminando sobre meu descontentamento e o tempo perdido.

Dessa vez, estou determinada a compreender uma década enquanto ainda estou nela. Mas, embora cada aniversário me dê certa vertigem — já que você só vai ficando cada vez mais velho —, os quarenta de hoje são especialmente desorientadores. São a década sem narrativa. Não se trata apenas de um novo número: parecem uma nova zona atmosférica. Quando digo a um empreendedor de 42 anos que estou pesquisando essa faixa de idade, seus olhos se arregalam. Ele é bem-sucedido e articulado, mas sua idade o deixa sem fala.

“Por favor”, ele diz, “me explique os quarenta.”

Obviamente, os quarenta dependem da pessoa em questão, e de sua família, sua saúde, suas finanças e até seu país. Vivo os quarenta como uma mulher branca americana privilegiada — não pertencço a um grupo dos mais oprimidos. Fiquei sabendo que, quando uma mulher faz quarenta em Ruanda, começam automaticamente a chamá-la de “vovó”.

Com a precisão e o pessimismo que lhe são característicos, os franceses dividiram a crise da meia-idade em “crise dos quarenta”, “crise dos cinquenta” e “demônio do meio-dia”, descrito por um autor como “quando um homem na casa dos cinquenta se apaixona pela babá”. No entanto, eles têm uma visão muito otimista do envelhecimento, como se

fosse a luta de uma pessoa para se libertar. (Os franceses são cheios de falhas, mas me apropriei de algumas de suas melhores ideias.)

Onde quer que você esteja, quarenta parece velho quando visto de baixo. Americanos de vinte anos descrevem os quarenta como uma idade distante, mítica, tardia, em que vão se arrepender de tudo que não fizeram. Quando conto a um dos meus filhos que estou escrevendo um livro sobre essa idade, ele diz que gostaria de escrever um mais curto sobre os nove. “Tipo assim: ‘Tenho nove anos. Tenho sorte. Ainda sou novo’.”

No entanto, para muitas pessoas mais velhas que conheci, os quarenta são a idade para a qual mais gostariam de voltar. “Como pude me considerar velho aos quarenta?”, pergunta Stanley Brandes, um antropólogo que escreveu um livro sobre a idade dos quarenta em 1985. “Olhando para trás, penso em como tinha sorte. Era o começo da vida, não o começo do fim.”

Tecnicamente falando, os quarenta nem são mais a meia-idade. Alguém com quarenta anos hoje tem 50% de chance de viver até os 95, diz o economista Andrew Scott, coautor de *The 100-Year Life*.

Mas o número ainda é solene e tem uma ressonância simbólica. Jesus jejuou por quarenta dias. Maomé tinha quarenta anos quando o arcanjo Gabriel apareceu para ele. No dilúvio bíblico, choveu por quarenta dias e quarenta noites. Moisés conduziu os israelitas que deixavam o Egito por quarenta anos na peregrinação pelo deserto. Brandes escreve que, em algumas línguas, “quarenta” é sinônimo de “muito”.

E ainda há um caráter inevitavelmente transitório na idade dos quarenta. Até então você só se conheceu como uma pessoa seguramente jovem. Agora deixou esse estágio da

vida, mas ainda não entrou no próximo. Victor Hugo supostamente chamou os quarenta de “a velhice da juventude”. Enquanto avaliava meu rosto num elevador bem iluminado, minha filha descreveu essa encruzilhada com menos rodeios: “Mãe, você não é velha, mas com certeza não é nova”.

Estou começando a ver que, como madame — mesmo que recente —, estou sujeita a novas regras. Quando banco a ingênua graciosa agora, as pessoas não ficam mais encantadas, só perplexas. Falta de noção não combina mais com meu rosto. Esperam que eu saiba a fila de espera correta no aeroporto e que chegue no horário marcado onde quer que seja.

Para ser sincera, sinto que estou me tornando mais madame por dentro também. Nomes e fatos não me ocorrem mais com tanta facilidade; às vezes, tenho que resgatá-los do fundo, como se puxasse um balde de água num poço fundo. E não consigo mais atravessar o dia à base de café e sete horas de sono.

Ouçõ reclamações similares de outras pessoas da mesma idade. Num jantar com amigos, noto que cada um de nós foi proibido pelo médico de praticar determinado esporte. Há uma risada nervosa quando alguém comenta que, pela lei americana, já temos idade o bastante para acusar alguém de discriminação por idade.

Pesquisas recentes envolvendo o cérebro atestam as dificuldades dos quarenta: na média, somos mais suscetíveis a distrações que pessoas mais jovens, absorvemos informações mais devagar e somos piores em lembrar fatos específicos. (A habilidade de recordar nomes chega ao auge, em média, no começo dos vinte.)

Mas a ciência também mostra muitos pontos positivos dos quarenta. O que nos falta em capacidade de processamento é compensado por maturidade, discernimento e ex-

periência. Somos melhores que os mais jovens em captar a essência das situações, controlar nossas emoções, resolver conflitos e compreender os outros. Somos melhores na administração financeira e em explicar por que as coisas acontecem. Temos mais consideração que os mais jovens. E, o que é crucial para a felicidade, somos menos neuróticos.

A neurociência moderna e a psicologia confirmam o que Aristóteles disse há cerca de 2 mil anos, quando descreveu o homem no seu apogeu como não tendo “nem o excesso de confiança que conduz à irreflexão nem timidez demais, e sim a quantidade certa de cada um. Nem confia em todos nem desconfia de todos, julgando as pessoas corretamente”.

Concordo. De fato, conseguimos aprender e crescer um pouco. Depois de passar a vida nos sentindo deslocados, nos damos conta de que mais coisas são universais do que particulares. (Minha estimativa nada científica é de que somos 95% grupo e 5% indivíduo.) Como nós, a maior parte das pessoas foca em si mesma. A jornada seminal dos quarenta é de “todo mundo me odeia” para “ninguém está nem aí”.

Daqui a dez anos, nossas revelações dos quarenta sem dúvida parecerão ingênuas. (“Formigas podem ver moléculas!”, um homem me disse na faculdade.) Mesmo agora, os quarenta podem parecer uma série de ideias contraditórias que supostamente devemos aceitar: finalmente compreendemos a dinâmica interpessoal, mas não conseguimos decorar números de mais de um dígito; nunca ganhamos tanto dinheiro — ou estamos chegando perto disso —, mas o botox agora parece uma ideia interessante; estamos no auge da carreira, mas também vemos que ela provavelmente vai terminar.

Se os quarenta de hoje são confusos, também é porque estamos numa época a que faltam marcos. A infância e a adolescência são repletas de marcos: você fica mais alto, muda de ano na escola, fica menstruada, tira a habilitação e se forma. Nos vinte e trinta você se envolve com parceiros em potencial, arranja um emprego e começa a se sustentar. Pode haver promoções, bebês e casamentos. As doses de adrenalina decorrentes fazem com que você avance e tenha certeza de que está construindo uma vida adulta.

Nos quarenta, você ainda pode perseguir diplomas, empregos, casas e parceiros, mas o maravilhamento com isso tudo é menor. Seus mentores, parentes e as pessoas mais velhas que você conhece e que costumavam comemorar suas conquistas estão ocupados com o próprio declínio. Se tiver filhos, espera-se que comemore os marcos *deles*. Um jornalista que conheço se lamenta porque nunca mais vai poder ser um prodígio em nada. (Alguém mais novo que a gente acabou de ser nomeado para a Suprema Corte dos Estados Unidos.)

“Cinco anos atrás, quando conhecia uma pessoa, ela sempre exclamava: ‘Nossa, *você* é o chefe?’”, diz o diretor de 44 anos de uma produtora de tv. Agora não parece haver nada de mais no cargo. “Passei da idade em que surpreendia alguém”, ele constata.

No que nos transformamos? Ainda somos capazes de agir, mudar, correr dez quilômetros. Mas há um novo imediatismo nos quarenta — e uma consciência da morte — que não existia antes. Nossas possibilidades parecem mais finitas. Todas as escolhas parecem excluir outras. E há um clima geral de “agora ou nunca”. Se planejavamos fazer alguma coisa “um dia” — mudar de carreira, ler Dostoiévski ou aprender a cozinhar alho-poró —, talvez devêssemos começar logo com isso.

Essa nova perspectiva exige um ajuste — algumas vezes muito dolorido — entre a vida com que sonhamos e nossa vida de fato. Coisas que dizemos há anos começam a soar vazias. Aos quarenta, não estamos mais nos preparando para uma vida futura imaginada ou formando um currículo. A vida real está, sem sombra de dúvida, acontecendo agora. Chegamos àquilo que o filósofo alemão Immanuel Kant chamou de *Ding an sich* — a coisa em si.

De fato, a parte mais esquisita dos quarenta é que agora somos nós que estamos escrevendo livros e indo a reuniões de pais na escola. Pessoas da nossa idade têm cargos como “diretor de tecnologia” ou “editor-chefe”. Somos nós que assamos o peru no Dia de Ação de Graças. Quando penso “Alguém deveria fazer algo a respeito”, me dou conta alarmada de que esse “alguém” sou eu.

Não é uma transição fácil. Sempre me tranquilizou a ideia de que há adultos no mundo. Eu os imaginava por aí, curando o câncer ou emitindo intimações. Adultos pilotam aviões, fazem garrafas de aerossol e se certificam de que os sinais televisivos sejam magicamente transmitidos. Eles sabem se vale a pena ler um romance e quais notícias devem sair na primeira página. Sempre confiei que um adulto — misterioso, capaz e sábio — ia me salvar numa emergência.

Embora não acredite em teorias da conspiração, entendo por que os adultos parecem tão atraentes. É tentador pensar que um grupo de pessoas controla tudo em segredo. Compreendo o apelo da religião também: Deus é o derradeiro adulto.

Não me anima parecer mais velha. Mas sei que o que me perturba mais em me tornar “madame” é a implicação de que sou uma adulta agora. Sinto que fui promovida muito acima das minhas capacidades.

E o que é um adulto, no fim das contas? Eles existem? Em caso afirmativo, o que exatamente sabem? E como posso me tornar um deles? Em algum momento minha mente e meu rosto vão parecer ter a mesma idade?

VOCÊ SABE QUE *ENTROU* NOS QUARENTA QUANDO...

- Sua idade começa a parecer um segredo.
- Perde a paciência enquanto rola o cursor até o ano do seu nascimento.
- Se surpreende quando uma vendedora lhe apresenta um creme “anti-idade”.
- Se surpreende ao saber que seu amigo tem um filho na faculdade.
- As pessoas não se surpreendem quando você conta que tem três filhos.